



**A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM NO TEMPO DE
PRÁTICA DE JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL**

**THE INFLUENCE OF THE LEARNING ENVIRONMENT ON THE
PRACTICE TIME OF YOUNG FOOTBALL PLAYERS**

**LA INFLUENCIA DEL ENTORNO DE APRENDIZAJE EN EL TIEMPO DE
PRÁCTICA DE LOS JÓVENES FUTBOLISTAS**

Alberto Lobato Goes Junior


<https://orcid.org/0000-0002-7421-3901> 


<http://lattes.cnpq.br/2963844434616048> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

albertolobato.goes@gmail.com

Luis Felipe de Nogueira Silva


<https://orcid.org/0000-0003-0583-4445> 

<http://lattes.cnpq.br/0793380850491870> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

luisfelipenogu@gmail.com

Chellsea Hortêncio Alcântara


<https://orcid.org/0000-0002-7967-7174> 


<http://lattes.cnpq.br/5006861141952486> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

chellseaalcantara_14@hotmail.com

Gabriel Orega Sandoval


<https://orcid.org/0000-0002-1136-477X> 


<http://lattes.cnpq.br/9986691932220266> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

gabrielorenga@hotmail.com

Renato Mota de Paula


<https://orcid.org/0009-0002-4352-3808> 


<http://lattes.cnpq.br/2705550405159954> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

renato.mota029@gmail.com

Alcides José Scaglia

<https://orcid.org/0000-0003-1462-1783> 

<http://lattes.cnpq.br/6052868681786447> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

scaglia@unicamp.br

Resumo

Investigar o tempo de prática em diferentes contextos de aprendizagem de jovens jogadores de futebol. Participaram do estudo 45 jogadores divididos em 3 grupos (sub 10, sub 12, sub 14). O tempo de prática foi coletado através de um formulário online, as informações foram obtidas levando em consideração diferentes ambientes de prática, como: sozinho, informal, formal, competição, estruturado (formal e competição) e não estruturado (sozinho



e informal). O primeiro contato com o futebol aconteceu no ambiente sozinho. O ambiente de competição apresentou menos horas de prática em todos os grupos. Os grupos sub 10 e sub 14 alcançaram mais horas no ambiente não estruturado em comparação com o estruturado. Concluímos que os jogadores tiveram mais acesso a ambientes não estruturados e menos acesso ao ambiente de competição, logo os(a) treinadores(a) podem utilizar essa informação para fomentar ambientes de prática diversificados e não somente o ambiente formal.

Palavras-chave: Formação Esportiva; Jogo Deliberado; Futebol de Rua; Diversificação.

Abstract

Investigate practice time in different learning contexts for young football players. 45 players participated in the study, divided into 3 groups (under 10, under 12, under 14). Practice time was collected through an online form, information was obtained taking into account different practice environments, such as: alone, informal, formal, competition, structured (formal and competition) and unstructured (alone and informal). The first contact with football happened in the environment alone. The competition environment presented fewer hours of practice in all groups. The under 10 and under 14 groups achieved more hours in the unstructured environment compared to the structured one. We concluded that players had more access to unstructured environments and less access to the competition environment, so coaches can use this information to foster diverse practice environments and not just the formal environment.

Keywords: Sports training; Deliberate play; Street soccer; Diversification.

Resumen

Investigar el tiempo de práctica en diferentes contextos de aprendizaje para jóvenes futbolistas. En el estudio participaron 45 jugadores, divididos en 3 grupos (menores de 10, menores de 12, menores de 14). El tiempo de práctica se recolectó a través de un formulario en línea, la información se obtuvo teniendo en cuenta diferentes ambientes de práctica, tales como: solo, informal, formal, competencia, estructurado (formal y competencia) y no estructurado (solo e informal). El primer contacto con el fútbol se produjo sólo en el entorno. El ambiente de competencia presentó menos horas de práctica en todos los grupos. Los grupos de menores de 10 y menores de 14 años consiguieron más horas en el entorno no estructurado respecto al estructurado. Concluimos que los jugadores tenían más acceso a entornos no estructurados y menos acceso al entorno de competición, por lo que los entrenadores pueden utilizar esta información para fomentar diversos entornos de práctica y no sólo el entorno formal.

Palabras clave: Entrenamiento deportivo; Juego deliberado; Fútbol callejero; Diversificación.

INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento esportivo de um jogador de futebol é dinâmico e a literatura científica aponta para dois caminhos possíveis: especialização precoce ou diversificação (BRIDGE; TOMS, 2013; FORD; WILLIAMS, 2017; SIEGHARTSLEITNER et al., 2018). A especialização se baseia na teoria da prática deliberada, onde os seus pressupostos indicam que a melhora do desempenho está relacionada ao acúmulo de horas em atividades que requerem esforço, são lideradas por um(a) adulto(a) (treinador/a) e na maioria das vezes com baixa satisfação por parte dos praticantes (ERICSSON, 2013; ERICSSON; KRAMPE; TESCH-RÖMER, 1993). Assim, a determinação na modalidade principal de maneira precoce e o envolvimento com a prática deliberada desde a infância são implicações diretas no desenvolvimento esportivo. A especialização precoce possui elementos negativos, como o aumento da incidência de lesões, o risco aumentado de burnout e consequentemente o abandono do esporte, dentre outras (BAKER; COBLEY; FRASER-THOMAS, 2009; BERGERON et al., 2015).





O percurso da diversificação é marcado pela participação em várias modalidades durante a infância, onde a especialização em uma única modalidade ocorrerá apenas no período da adolescência (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Outro fator importante é a ênfase no jogo deliberado, caracterizado por uma prática liderada pelos(as) próprios(as) jogadores(as) visando a diversão (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). Apesar da falta de consenso em relação ao número de modalidades esportivas para ser considerado diversificação (FORD et al., 2009), a vivência em atividades não estruturadas, como o futebol de rua (MACHADO et al., 2018), é um atributo crucial que diferencia os atletas de nível mundial quando comparado aos seus pares em nível nacional (DAVIDS et al., 2017). Portanto, o envolvimento em atividades não estruturadas (como o futebol de rua) pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades perceptivas e no processo de tomada de decisão (MACHADO et al., 2018; ROCA; WILLIAMS; FORD, 2012).

O aperfeiçoamento da criatividade também é um traço inerente do futebol de rua, isso porque não há uma forma definida de se praticar a modalidade neste contexto, mas sim um conjunto de jogos que remetem ao esporte formal, denominado de “família dos jogos de bola com os pés” (LEONARDO; SCAGLIA; REVERDITO, 2009). Assim, diversos jogos tradicionais brasileiros, como o bobinho, rebatida e artilheiro, possuem regras e adaptações distintas, capazes de realçar conteúdos específicos do futebol, como manutenção da posse de bola, progressão ao alvo e finalização (SCAGLIA et al., 2021). Dessa forma, o acesso a situações variadas de jogo possibilita a vivência de diferentes resoluções de problemas, o que contribui para o enriquecimento no processo de tomada de decisão e nas ações técnico-táticas (MACHADO; SCAGLIA, 2022).

Em geral, os estudos relacionados com a formação esportiva utilizam métodos recordatórios que visam captar o tempo de envolvimento do jogador em diferentes contextos (prática deliberada, jogo deliberado e competição) (FORD et al., 2020; FORD; WILLIAMS, 2012) que remetem a atividades coletivas. Porém, a vivência do jogo deliberado em atividades não estruturadas (futebol de rua), também pode acontecer através de atividades individuais nas quais o jogador cria o seu próprio jogo (FREIRE, 2002), seja com o foco no desempenho ou na diversão. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi investigar o tempo de prática em diferentes contextos de aprendizagem de jovens jogadores de futebol, especificamente: i) descrever a idade do primeiro contato e as horas investidas em cada ambiente; ii) comparar as horas investidas.





PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participantes

Participaram do estudo 45 futebolistas divididos em 3 grupos (Sub-10, Sub-12 e Sub-14) pertencentes a uma de escolinha de futebol da cidade de Limeira/São Paulo. Foi realizada uma explanação dos procedimentos da pesquisa, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), previamente aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Instituição: N° CAAE - 43787721.2.0000.5404 e N° do parecer: 4.652.651, conforme a resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Desenho Experimental

Este estudo foi realizado em duas etapas: i) Coleta do tempo de prática em diferentes ambientes de aprendizagem; e ii) Análise das informações.

1) Coleta do tempo de prática em diferentes ambientes de aprendizagem

O tempo de prática foi obtido através de um formulário online (google forms) onde os participantes responderam a seguinte pergunta: "quantas horas você praticou futebol em cada um desses ambientes (formal, informal, sozinho, competição)?". A definição de cada ambiente bem como exemplos práticos foram retratados no formulário. Em caso de dúvidas, o participante poderia entrar em contato via e-mail com um dos pesquisadores que foi previamente definido para prestar qualquer esclarecimento referente ao formulário.

Neste estudo, cada tipo de ambiente de aprendizagem apresentava características específicas, o formal foi classificado como um contexto de prática conduzida por um adulto (exemplo: a escolinha de futebol); o informal foi um contexto sem a presença do adulto, onde os próprios jogadores decidem o jogo a ser praticado (exemplo: jogar bola na rua); o sozinho, semelhante ao informal, não possui intervenção de um adulto e o jogador também poderia escolher o jogo a ser praticado, porém não há presença dos companheiros (exemplo: realizar cobrança de pênalti ou de falta); a competição foi um cenário de prática orientado por adultos, mas em contextos competitivos institucionalizados (festivais esportivos, competições nacionais e internacionais). Além dos ambientes supracitados, também foi obtido o tempo de prática em





cenários estruturados e não estruturados. O estruturado foi calculado através da média de horas dos ambientes formal e sozinho, enquanto o não estruturado foi calculado através da média de horas dos ambientes informal e sozinho.

II) Análise das informações

Em relação a etapa de análise das informações, o intervalo de tempo corresponde ao período denominado de “anos de amostragem” (6 - 12 anos), porém se limitam até 10 anos de idade, esta estratégia precisou ser adotada para tornar possível as comparações entre os grupos. O tempo de prática foi coletado em função da frequência de horas semanais, posteriormente foi transformado em horas por mês e por fim horas por ano para cada ambiente de aprendizagem.

ANÁLISE DE DADOS

A normalidade dos dados foi avaliada pelo teste de Shapiro-Wilk. Os dados foram apresentados na forma de estatística descritiva (média, desvio padrão, mediana, primeiro e terceiro quartil). Foi realizado o teste de Kruskal-Wallis para comparações intergrupos e o teste de Friedman para comparações intragrupos juntamente com o post-hoc de Dunn's. O teste de Wilcoxon foi utilizado para comparar o ambiente estruturado com o não estruturado. O tamanho do efeito (effect size – ES) foi calculado e obedeceu a seguinte classificação: 0,00 - 0,10 = irrisório; 0,11 - 0,29 = fraco; 0,30 - 0,49 = moderado; >0,50 = grande (COHEN, 1988). O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0.05$). A análise estatística foi realizada no software SPSS versão 21.0.

RESULTADOS

O primeiro contato dos jogadores com diferentes ambientes de aprendizagem (tabela 1) ocorreu no ambiente de prática sozinho, seguido por informal, formal e competição, indicando que a vivência com o futebol iniciou primeiramente em cenários não estruturados (Sozinho e Informal) e posteriormente alcançou cenários estruturados (Formal e Competição) em ambos os grupos.

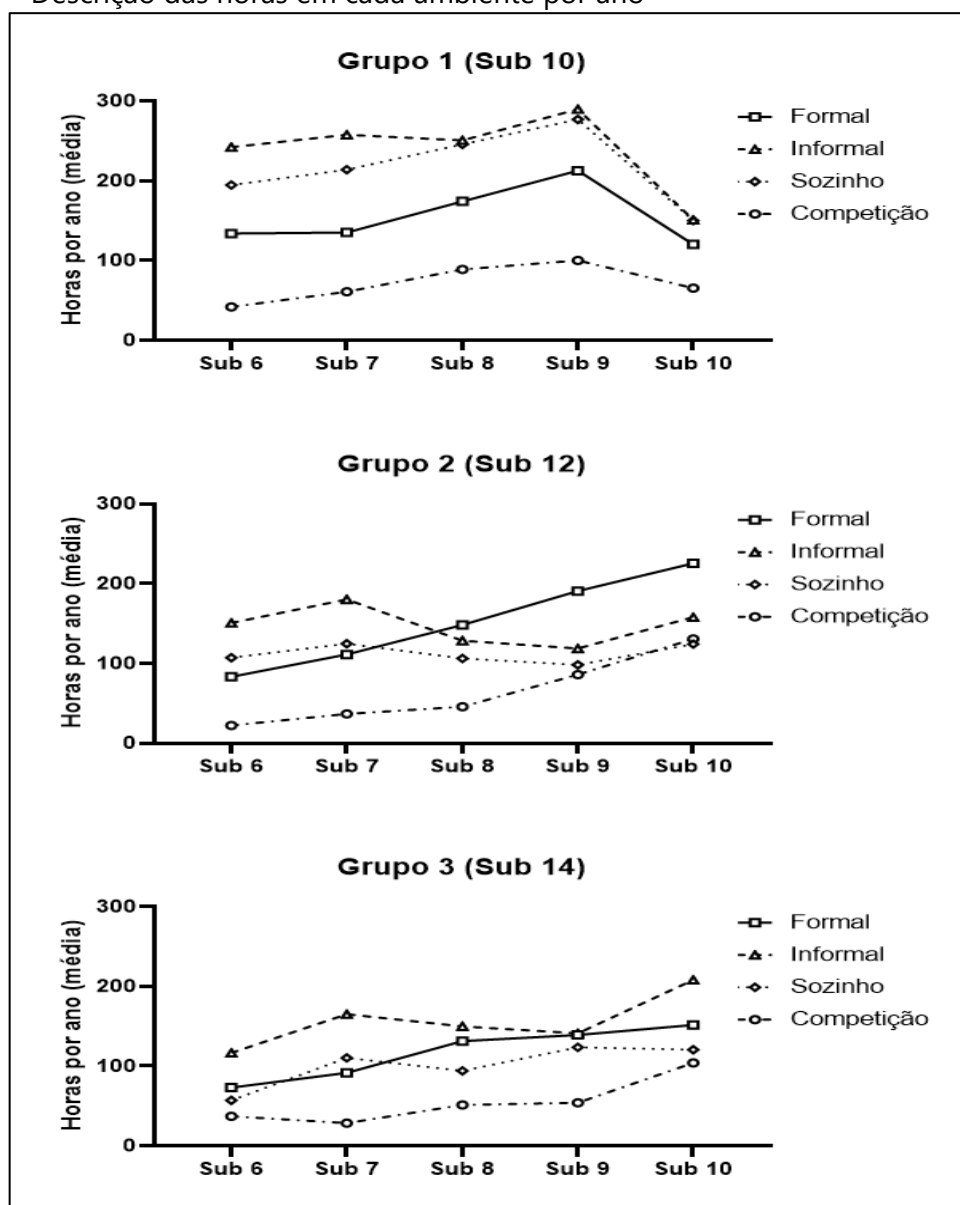


**Tabela 1** – Estatística descritiva da amostra separada por ambiente de aprendizagem

Grupos	Formal	Informal	Sozinho	Competição
Sub 10	4,73 (1,16)	4,60 (1,54)	3,06 (1,71)	5,26 (1,16)
Sub 12	5,80 (1,47)	4,80 (1,89)	4,33 (2,61)	7,06 (1,83)
Sub 14	6,46 (2,38)	4,93 (1,98)	4,33 (2,49)	7,13 (2,47)

Fonte: construção dos autores.

A respeito do tempo de prática em cada ambiente em função do tempo (figura 1), o grupo 1 (sub 10) e grupo 3 (sub 14) dedicaram mais horas no contexto informal, porém o grupo 2 (sub 12) teve mais ênfase no ambiente formal.

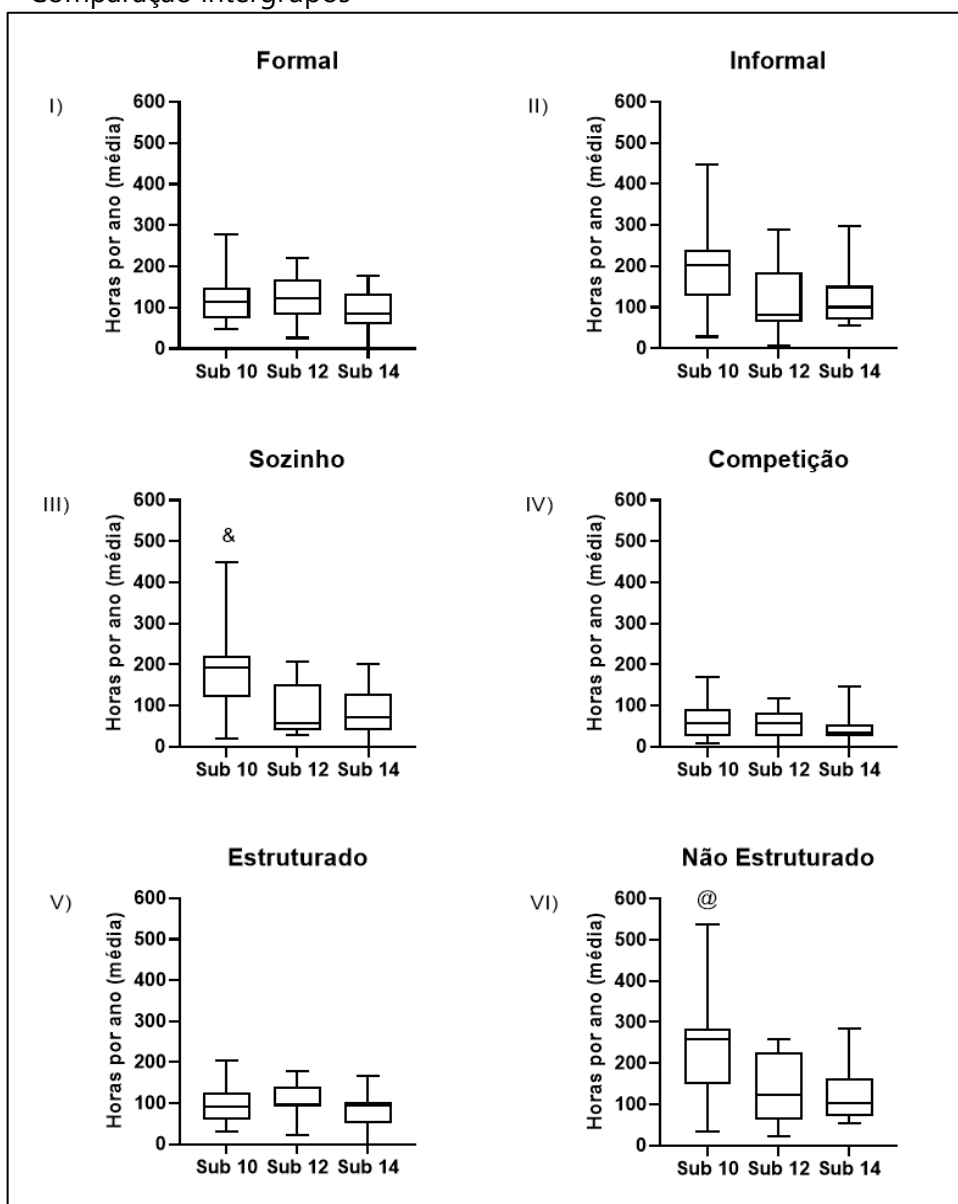
Figura 1 – Descrição das horas em cada ambiente por ano

Fonte: construção dos autores.



Em relação as comparações intergrupos, não houve diferença significativa para a variável formal ($p = 0,488$; $ES = 0,21$), informal ($p = 0,093$; $ES = 0,71$) e competição ($p = 0,569$; $ES = 0,17$), indicando que as horas investidas nestes ambientes foram semelhantes entre os grupos. Porém, houve diferença significativa no ambiente sozinho ($p = 0,011$; $ES = 0,62$), onde o grupo sub 10 apresentou mais horas em comparação com o grupo 14, indicando uma maior vivência em jogos individuais.

Figura 2 – Comparação intergrupos



Legenda: @diferença entre Sub 10 e Sub 12; &diferença entre Sub 10 e Sub 14.

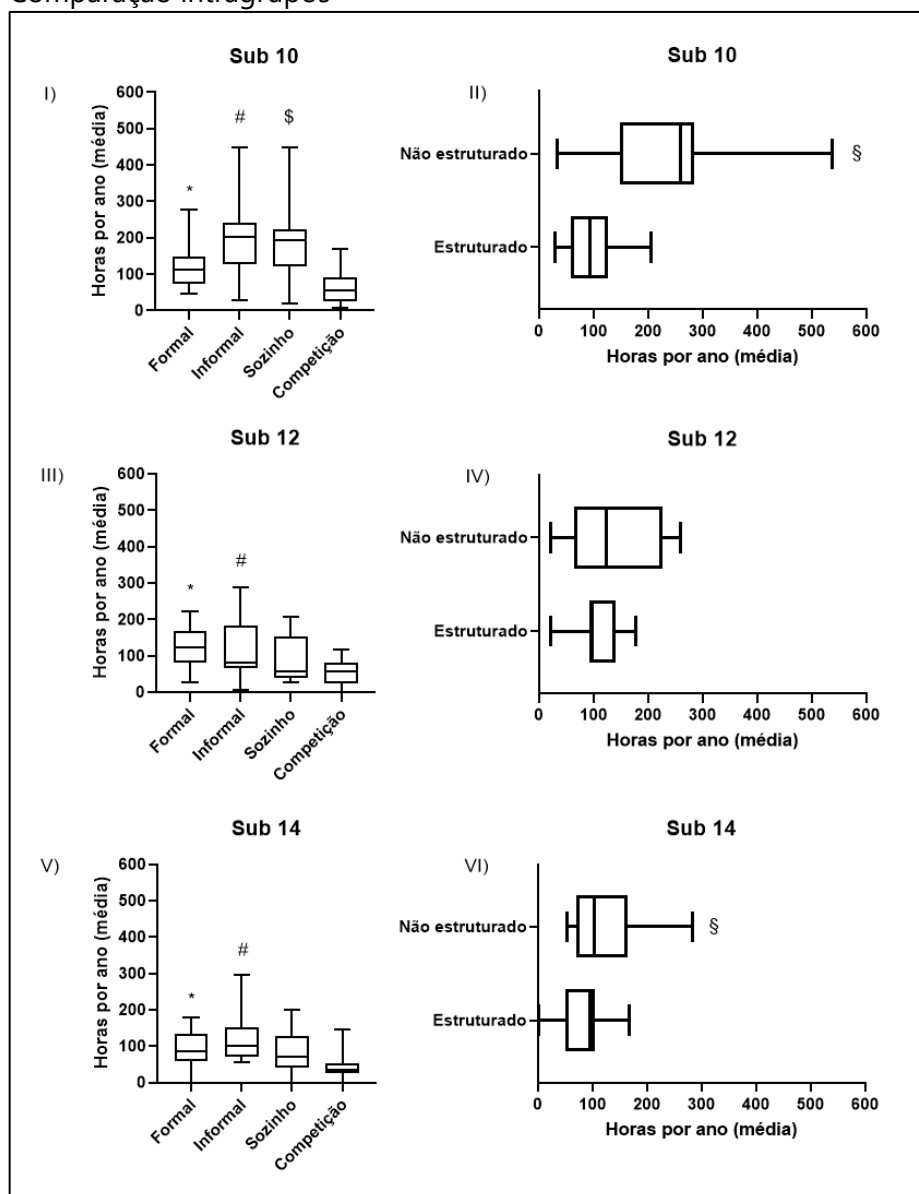
Fonte: construção dos autores.



Em relação as comparações intragrupos, houve diferença significativa dentro dos próprios grupos. No grupo Sub 10 ($p = 0,001$; $ES = 3,22$), a competição foi o ambiente com menos horas investidas em comparação com o formal ($p = 0,04$; $ES = 0,49$), informal ($p = 0,001$; $ES = 0,79$) e sozinho ($p = 0,003$; $ES = 0,63$). No grupo Sub 12 ($p = 0,003$; $ES = 2,08$), o ambiente formal ($p = 0,005$; $ES = 0,61$) e informal ($p = 0,017$; $ES = 0,54$) obtiveram mais horas em comparação com a competição. No grupo Sub 14 ($p < 0,001$; $ES = 2,85$), novamente o ambiente formal ($p = 0,028$; $ES = 0,52$) e informal ($p < 0,001$; $ES = 0,77$) atingiram mais horas de prática em comparação com a competição. Além disso, os jogadores das categorias sub 10 ($p = 0,002$; $ES = 0,57$) e sub 14 ($p = 0,023$; $ES = 0,41$) se engajaram com mais frequência em cenários não estruturados em comparação com cenários estruturados. Os achados indicam que a competição foi o ambiente com menos tempo de prática em ambos os grupos, enquanto o cenário não estruturado foi mais relevante que o cenário estruturado.



Figura 3 – Comparação intragrupos



Legenda: *diferença entre Formal e Competição; #diferença entre Informal e Competição; \$diferença entre Sozinho e Competição; §diferença entre Não estruturado e Estruturado.

Fonte: construção dos autores.

DISCUSSÃO

O objetivo do estudo foi investigar o tempo de prática em diferentes contextos de aprendizagem de jovens jogadores de futebol, com foco em descrever a idade do primeiro contato e as horas investidas em cada ambiente, além de comparar as horas nos diferentes ambientes.

O ambiente denominado como “formal” pode ser equiparável ao contexto de “deliberate practice” (FORD et al., 2009), pois ambos acontecem em cenários de aula liderados





por um treinador(a) com o objetivo de melhorar a performance. O ambiente “informal” está relacionado ao contexto de “deliberate play” (FORD; WILLIAMS, 2012; WARD et al., 2007), principalmente por ser conduzido pelas próprias crianças com o intuito de satisfazer a sua vontade de jogar futebol. O excesso de horas no ambiente formal, assim como em deliberate practice, pode provocar efeitos negativo a longo prazo, como a desistência da modalidade (CÔTÉ et al., 2009). Entretanto, as horas investidas em ambiente informal, semelhante a deliberate play, é uma característica que diferencia jogadores que alcançaram o nível profissional daqueles que não alcançaram (ROCA; WILLIAMS; FORD, 2012).

Em nossos achados, o grupo sub 10 e sub 14 apresentaram mais tempo de prática no ambiente informal, enquanto o grupo sub 12 dedicou mais tempo de prática no ambiente formal (figura 1). Um exemplo de prática informal é o futebol de rua, esse cenário possui alguns pontos chaves bem específicos, como: uma maior relação com a bola, jogos adaptados, soluções diversificadas dentre outros (MACHADO et al., 2018), essas características favorecem um contexto mais participativo e por vezes mais inclusivo. Os pontos chaves do futebol de rua também são compartilhados por diferentes abordagens de ensino que utilizam o jogo para potencializar a aprendizagem (ARAÚJO; BRITO; CARRILHO, 2023; MACHADO; SCAGLIA, 2020) e desenvolver a criatividade (SANTOS et al., 2017; 2018). Portanto, um maior contato com o ambiente informal, em especial nos anos de amostragem, pode ser considerado positivo para o desenvolvimento do jogador.

Os estudos que analisaram o tempo de prática empregado em diferentes contextos de formação consideram três cenários principais: deliberate practice, deliberate play e competição (GÜLLICH, 2018). Em nosso estudo, incluímos um contexto diferente denominado de “sozinho” na tentativa de mensurar o tempo destinado a prática de jogos criados pelo próprio jogador de modo individual. Quando o jogador cria a sua própria atividade ele passa a ter autonomia para decidir qual o momento apropriado para realizar uma modificação, podendo torna-la fácil ou até mais difícil, Freire (2002) intitula este indivíduo de “senhor do jogo”, pois o mesmo possui o poder de decisão sobre a atividade. Assim, em nossos achados (figura 2), o fato do sub 10 atingir mais horas de futebol no ambiente sozinho pode ser explicado em função da diferença de idade, já que este grupo estaria mais próximo de um estágio de relacionamento egocêntrico (SCAGLIA, 2014) em relação ao sub 14, o que favorece a criação de atividades individuais.





O contexto de competição é o cenário com menos horas acumuladas ao longo do desenvolvimento esportivo do jogador (FORD et al., 2009; FORD; WILLIAMS, 2012), indicando que possivelmente o tempo de dedicação no processo de preparação é maior que o período de participação em competição. Além disto, o tempo engajado em cenários de prática não estruturados é uma característica de atletas de classe mundial (DAVIDS et al., 2017). Em nossos achados (figura 3), a competição foi o ambiente com menos tempo de engajamento, corroborando com estudos anteriores. A respeito do tempo de prática em cenários não estruturados, o maior número de horas neste ambiente também corrobora com os achados na literatura. Portanto, a competição foi o ambiente com menos acesso enquanto o cenário de prática não estruturada foi a mais relevante, retratando informações coerentes com diversificação preconizada pelos anos de amostragem, com exceção do envolvimento em outras modalidades (CÔTÉ et al., 2009).

Todavia, dentre as principais limitações deste estudo, destacamos: i) o recorte de tempo corresponde apenas a uma parte dos anos de amostragem, o que limita conclusões mais específicas a respeito de todo o processo de desenvolvimento esportivo; ii) o uso de técnicas de perguntas recordatórias possui algumas fragilidades, como a dificuldade de relatar com precisão eventos que aconteceram no passado; iii) a ausência do tempo de prática em outras modalidades esportivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, os principais achados deste estudo podem ser sintetizados da seguinte forma: i) o primeiro contato dos jogadores, em ambos os grupos, foi através do ambiente sozinho, seguido por informal, formal e competição; ii) o ambiente de competição obteve menos horas de prática; iii) o cenário não estruturado teve um mais horas de prática do que o cenário estruturado. Portanto, os jogadores tiveram mais acesso a contextos não estruturados (sozinho e informal) e menos acesso ao ambiente de competição, logo os(as) treinadores(as) podem utilizar essa informação para fomentar ambientes de prática diversificados nas suas escolinhas de futebol como parte do planejamento pedagógico, podendo ser aplicado tanto no horário do treino quanto fora dele.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Duarte.; BRITO, Henrique; CARRILHO, Daniel. Team decision-making behavior: an ecological dynamics approach. **Asian journal of sport and exercise psychology**, v. 3, n. 1, p. 24-29, 2022.

BAKER, Joseph; COBLEY, Stephen; FRASER-THOMAS, Jessica. What do we know about early sport specialization? Not much! **High Ability studies**, v. 20, n. 1, p. 77-89, 2009.

BERGERON, Michael e colaboradores. International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. **British journal of sports medicine**, v. 49, n. 13, p. 843-851, 2015.

BRIDGE, Matt; TOMS, Martin. The specialising or sampling debate: a retrospective analysis of adolescent sports participation in the UK. **Journal of sports sciences**, v. 31, n. 1, p. 87–96, 2013.

CÔTÉ, Jean; BAKER, Joseph; ABERNETHY, Bruce. Practice and play in the development of sport expertise. In: TENENBAUM, Gershon; EKLUN, Robert C. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. 3. ed. Hoboken, New Jersey, USA: Wiley, 2009.

CÔTÉ, Jean; ERICKSON, Karl; ABERNETHY, Bruce. Play and practice during childhood. In: CÔTÉ, Jean; LIDOR, Ronnie (Eds.). **Conditions of children's talent development in sport**. Morgantown, West Virginia, USA: Fitness Information Technology, 2013.

CÔTÉ, Jean e colaboradores. The benefits of sampling sports during childhood. **Physical and health education journal**, v. 74, n. 4, p. 6-11, 2009.

DAVIDS, Keith e colaboradores. Understanding environmental and task constraints on talent development: analysis of micro-structure of practice and macro-structure of development histories. In: BAKER, Joseph. **Routledge handbook of talent identification and development in sport**. New York, USA: Routledge, 2017..

ERICSSON, Anders. Training history, deliberate practice and elite sports performance: An analysis in response to tucker and collins review-what makes champions? **British journal of sports medicine**, v. 47, n. 9, p. 533-535, 2013.

ERICSSON, Anders; KRAMPE, Ralf; TESCH-RÖMER, Clemens. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

FORD, Paul e colaboradores. The developmental and professional activities of female international soccer players from five high-performing nations. **Journal of sports sciences**, v. 38, p. 1432-1440, 2020.

FORD, Paul e colaboradores. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: The early engagement hypothesis. **High ability studies**, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

FORD, Paul; WILLIAMS, Mark. The developmental activities engaged in by elite youth soccer





players who progressed to professional status compared to those who did not. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, n. 3, p. 349–352, 2012.

FORD, Paul; WILLIAMS, Mark. Sport activity in childhood: early specialization and diversification. In: BAKER, Joseph e colaboradores (Eds.). **Routledge handbook of talent identification and development in sport**. London, 2017.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GÜLLICH, Arne. “Macro-structure” of developmental participation histories and “micro-structure” of practice of German female world-class and national-class football players. **Journal of sports sciences**, v. 37, n. 12, p. 1347-1355, 2018.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

MACHADO, João Cláudio e colaboradores. Enhancing learning in the context of street football: a case for nonlinear pedagogy. **Physical education and sport pedagogy**, v. 24, n. 2, p. 176-189, 2018.

MACHADO, João Cláudio; SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia não linear no futebol: uma busca por estratégias pedagógicas que possam nortear o processo de criação de tarefas representativas. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2020.

MACHADO, João Cláudio; SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia do esporte e o ensino com jogos. In: CLEMENTE, Filipe (Orgs.). **Pequenos jogos para treinar em grande**. Estoril, Portugal: Prime Books, 2022.

ROCA, André; WILLIAMS, Mark; FORD, Paul. Developmental activities and the acquisition of superior anticipation and decision making in soccer players. **Journal of sports sciences**, v. 30, n. 15, p. 1643-1652, 2012.

SANTOS, Sara e colaboradores. Differential learning as a key training approach to improve creative and tactical behavior in soccer. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 89, n. 1, p. 11-24, 2018.

SANTOS, Sara e colaboradores. Effects of the skills 4 genius sports-based training program in creative behavior. **PLoS one**, v. 12, n. 2, p. 1-17, 2017.

SCAGLIA, Alcides José e colaboradores. Possibilidades e potencialidades técnico-táticas em diferentes tradicionais jogos/brincadeiras de bola com os pés. **Retos**, n. 39, p. 312-317, 2021.

SCAGLIA, Alcides José. Pedagogia do futebol: construindo um currículo de formação para iniciação ao futebol. In: TOLEDO, Eliane; NISTA-PICOLLO, Vilma Lení (Orgs.). **Abordagens pedagógicas do esporte**: modalidades convencionais e não convencionais. Campinas, SP: Paralela, 2014.





SIEGHARTSLEITNER, Roland e colaboradores. "The early specialised bird catches the worm!" - a specialised sampling model in the development of football talents. **Frontiers in psychology**, v. 9, n. FEB, p. 1-12, 2018.

WARD, Paul e colaboradores. The road to excellence: deliberate practice and the development of expertise. **High ability studies**, v. 18, n. 2, p. 119-153, 2007.

Dados do primeiro autor:

Email: albertolobato.goes@gmail.com

Endereço: Rua Rio Javari, n. 36, Bairro Nossa Senhora das Graças, apartamento 204, Manaus, AM, CEP: 69053110, Brasil.

Recebido em: 05/11/2023

Aprovado em: 19/12/2023

Como citar este artigo:

GOES JUNIOR, Alberto Lobato e colaboradores. A influência do ambiente de aprendizagem no tempo de prática de jovens jogadores de futebol. **Corpoconsciência**, v. 27, e.16607, p. 1-14, 2023.

